

A LINGUAGEM DOS *SITES* DE RELACIONAMENTO: UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

THE LANGUAGE OF SOCIAL NETWORKING SITES: A DISCURSIVE PERSPECTIVE

*Renan Belmonte MAZZOLA**

Resumo: Este artigo analisa a “linguagem” de três *sites* de relacionamento por meio da Análise do Discurso de linha francesa, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault. Com vistas a compreender a linguagem de tais *sites*, nós procuramos descrever e interpretar os enunciados que os compõem, e o discurso produzido e reproduzido por eles.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Enunciado; *Internet*.

Abstract: This paper analyzes the “language” of three social networking sites through the French Discourse Analysis, derived from the work of Michel Pêcheux and Michel Foucault. In order to understand the language of such sites, we described and interpreted the utterances that compose them, then glimpsing their discourses.

Keywords: Discourse Analysis; Utterance; *Internet*.

Nem utopia nem distopia, a Internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa realidade (CASTELLS, 2003, p. 11).

Introdução: novos objetos, novas práticas analíticas

Este artigo tem como objetivo descrever e interpretar a linguagem utilizada em três *sites* de relacionamento responsáveis por aproximar pessoas no Brasil. Neste estudo, mobilizaremos o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa, com forte viés foucaultiano, para abordarmos os *sites* analisados. Como sabemos, a

* Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras (FCL-Ar) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara-São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Rosário Valencise Gregolin. Membro do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara (GEADA). Bolsista FAPESP. Contato: mazzola.renan@gmail.com.

linguagem (tanto em sua materialidade verbal como não verbal) é responsável por materializar os discursos de uma dada sociedade. Observar a linguagem desses *sites* a partir do mirante da Análise do Discurso, portanto, permite acessar os discursos que a atravessam e que são articulados por ela; os discursos são os grandes produtores e reprodutores dos estereótipos sociais que compõem uma cultura¹ e, em alguma medida, das estruturas identitárias de uma época.

Desde os anos 1980, a Análise do Discurso deixou de se preocupar somente com os discursos políticos escritos e doutrinários, passando a tomar como objeto os discursos que circulam em outras esferas sociais – e não só na política. Segundo o principal formulador da Análise do Discurso, Michel Pêcheux (2002, p. 48), “trata-se, para além da leitura dos Grandes Textos (da Ciência, do Direito, do Estado), de se pôr na escuta das circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido.” Por essa razão, dirigiremos nosso olhar para a internet, na qual encontramos essas “circulações cotidianas”, descritas por Pêcheux, e que veiculam sentidos e discursos articulados sob um regime particular de linguagem: o virtual²/digital.

Por que investigar as novas tecnologias a partir da Análise do Discurso? Porque o advento das novas mídias instaurou novas práticas de comunicação e, ao mesmo tempo, elas participam dos regimes de discursividades de nosso momento histórico. Lemos jornais na internet, fazemos compras pela rede, checamos *e-mail* praticamente todos os dias, trabalhamos no computador, etc. A abordagem das novas tecnologias da comunicação no campo dos estudos da linguagem permite compreender como se realizam as práticas do “dizível” e do “visível” em nossa sociedade, uma vez que as telas (em suas diferentes naturezas) nos circundam e estão presentes em nosso cotidiano.

Como compreender a “linguagem” dos *sites* de relacionamento? Para essa tarefa, adotaremos um procedimento comum no campo da Análise do Discurso³: debruçar-se sobre o

¹ Neste texto, entendemos por “cultura” um conjunto de valores que são comuns em um dado momento histórico, em determinada sociedade. O conceito de “cultura” é complexo e multifacetado, cada campo do saber das ciências humanas o define de uma maneira particular.

² Empregamos aqui o termo “virtual” na maneira como ele circula no senso comum, isto é, referente ao conteúdo da internet.

³ Em Pêcheux (2002) e Foucault (2007), encontramos o apontamento de que o analista deve tomar o enunciado enquanto elemento atômico do discurso e trabalhar a partir

enunciado – o elemento atômico do discurso, passível de ser apreendido, descrito e interpretado. A partir do conjunto dos enunciados existentes nos *sites*, será possível vislumbrar a linguagem e, por extensão, o discurso dos *sites* selecionados.

Encontrar-se na rede: o que é enunciado?

O ciberespaço é demasiado heterogêneo. Tomá-lo em sua totalidade mostra-se tão improvável quanto tentar “contornar o arquivo em sua atualidade”⁴. Todo trabalho que analise o ciberespaço (a internet) debruça-se, de fato, sobre uma parcela dele. Neste trabalho, interessa observar os espaços de relacionamento, cuja função é aproximar sujeitos: são espaços em que o internauta vislumbra a possibilidade de encontrar alguém com interesses afins. Selecionamos três: a) Parperfeito; b) Match.com; e c) Namoro Online. Analisaremos esses três objetos por meio do percurso estabelecido por Michel Foucault (2007) no capítulo III de *A arqueologia do saber*, denominado “O enunciado e o arquivo”. Tentaremos realizar, em alguma medida, um esboço de análise arqueológica sobre esses três espaços oferecidos pelo ambiente virtual, desde os enunciados que neles circulam até o arquivo do qual fazem parte.

Primeiramente, definiremos o enunciado e observaremos seu comportamento nos *sites* em questão. Como foi dito anteriormente, o enunciado é o elemento o mais passível de análise quando se trata de atingir as instâncias mais amplas, como as formações discursivas ou o arquivo.

[...] o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com elementos semelhantes a ele; [...] como um átomo do discurso. [...] É a unidade elementar do discurso (FOUCAULT, 2007, p. 90).

dele, para alcançar a memória mobilizada por ele e os elementos históricos que o atravessam.

⁴ Para Foucault (2007, p. 147-148), “O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento de enunciados como acontecimentos singulares. [...] O arquivo não é descritível em sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade”.

O enunciado, na ótica foucaultiana, não é apenas verbal: sua natureza, em alguma medida, é semiológica. O enunciado pode ser um gráfico, uma pirâmide de idade, uma curva de crescimento, um esboço de repartição, uma pintura etc. (FOUCAULT, 2007). Essas questões levam Foucault a buscar um lugar para o enunciado, isto é, defini-lo dentre todas as unidades já descobertas pela investigação da linguagem, a saber: a proposição, a frase, o *speech act*. Um enunciado pode irromper sob várias materialidades.

Figura 1 – Parperfeito.

Fonte: <<http://www.parperfeito.com.br>>.

O site representado pela figura 1 comporta-se como um enunciado e possui diversos componentes (verbais e não verbais)⁵. A imagem em seu interior retrata um casal jovem, feliz e sorridente. Abaixo de seus rostos, lê-se: “Gostou? Arrume o seu. Esse já é meu!”.

⁵ É importante ressaltar que o enunciado, na ótica discursiva francesa, pode apresentar diversas materialidades, e não se refere somente à materialidade verbal, como na maioria das ramificações teóricas da Linguística. O enunciado, para Foucault (2007), pode apresentar-se em uma só materialidade ou em variadas (ex. o fotojornalismo, em que ocorre a conjunção da imagem com a legenda, texto).

Nem o homem nem a mulher são nomeados. Quem são eles? Como se constituem esses sujeitos (discursivos)? A mulher ocupa a posição de sujeito enunciador e, para isso, utiliza-se de pronomes possessivos “seu”, “meu” e de um demonstrativo “esse”. Segundo Cunha & Cintra (2008, p. 342), os demonstrativos – entre outras coisas – têm a “[...] capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo, a chamada *função deíctica* (do grego *deiktikós* = próprio para demonstrar, demonstrativo)”. Num primeiro momento, não se sabe quem são os sujeitos, apenas que eles se encontraram através do *site*, e que nesse local as pessoas podem vir a “arrumar” outras. Curiosamente, os demonstrativos são também o que se pode chamar de “gestos verbais”, “[...] acompanhados em geral de entoação particular e, não raro, de gestos físicos” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 350) – que são representados pelo abraço dado pela mulher no homem que “arrumou”, não o deixando escapar (e talvez ele nem mesmo queira). A posição de enunciação ocupada pela mulher serve para legitimar um acontecimento – que aconteceu consigo, o de “arrumar” um par em ambiente virtual – e sugerir que essa mesma posição possa vir a ser ocupada por aquele(a) que preencher os dados cadastrais que se encontram ao lado de sua imagem. Em outras palavras, é como se a mulher dissesse: “Quer estar onde eu estou e falar da posição de que eu falo, da posição de alguém que encontrou um par? Então basta preencher os dados ao lado.” A imagem do casal também percorre outros sentidos: o relacionamento derivado desse primeiro gesto de cadastro se estende para a vida real, tanto que eles estão abraçados, em presença física. Somente os começos, portanto, são “virtuais”. Assim, o ato de enunciar é importante para a compreensão do enunciado como um todo.

O ato ilocutório não é o que ocorreu antes do momento do enunciado (no pensamento do autor ou no jogo de suas intenções); não é o que se pôde produzir, depois do próprio enunciado, no sulco que deixou atrás de si e nas conseqüências que provocou; mas sim o que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado – e precisamente esse enunciado (e nenhum outro) em circunstâncias bem determinadas (FOUCAULT, 2007, p. 94).

O enunciado e seu ato de formulação existem em uma relação de “exata reciprocidade”. Os atos são, na maior parte das vezes, constituídos pela soma de enunciados, por sua justaposição. Com efeito, a problemática do enunciado ao longo dos estudos linguísticos nunca obteve muito prestígio. Frequentemente, as unidades mais destacadas eram a frase, a proposição e os *speech acts*. É nesse sentido que Foucault se propõe a compreender o que é o enunciado e seu funcionamento no campo de uma ciência ou de um saber, e observa inicialmente que os enunciados não emergem *ex nihilo*, mas possuem um modo singular de existência. Trata-se da **função enunciativa**.

Na tarefa de definir o enunciado, Foucault relaciona-o com o conjunto dos nomes, sejam eles sintagmas nominais ou nomes próprios quaisquer. Para Foucault (2007, p. 100), “um nome se define por sua possibilidade de recorrência. Um enunciado existe fora de qualquer possibilidade de reaparecimento.” Se uma mesma frase (ou uma formulação idêntica) reaparece, em momentos distintos, portando os mesmos elementos – nem por isso podemos dizer que se trata do mesmo enunciado. Nessa altura de seus questionamentos, Foucault lança seu olhar para a instância produtora de enunciados, esse sujeito exterior a uma frase, por exemplo, que não significa de forma alguma, simplesmente, o indivíduo real que a articulou ou a escreveu. O sujeito do enunciado é uma posição, **uma função**, que pode ser ocupada por indivíduos diversos a fim de enunciar o que pode e deve ser enunciado a partir desse lugar enunciativo.

Esse lugar é uma dimensão que caracteriza toda formulação enquanto enunciado, constituindo um dos traços que pertencem exclusivamente à função enunciativa e permitem descrevê-la. Se uma proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser considerados “enunciados”, não é porque houve, um dia, alguém para proferi-los ou para depositar, em algum lugar, seu traço provisório; *mas sim na medida em que pode ser assinalada a posição do sujeito*. Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse [...], mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito (FOUCAULT, 2007, p. 108, grifo nosso).

Outra característica que transforma uma sequência de elementos linguísticos em enunciado é a existência de um domínio associado: “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros

enunciados [...]. Não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (FOUCAULT, 2007, p. 110-111). Cada enunciado se insere em uma rede ou em uma trama de outros enunciados – que foram já-ditos ou que serão ainda formulados – que o rodeiam. É importante considerar que, a partir desse pensamento de Foucault, J.-J. Courtine elabora a noção de “**memória discursiva**”, basilar para os estudos em Análise do Discurso no Brasil atualmente.

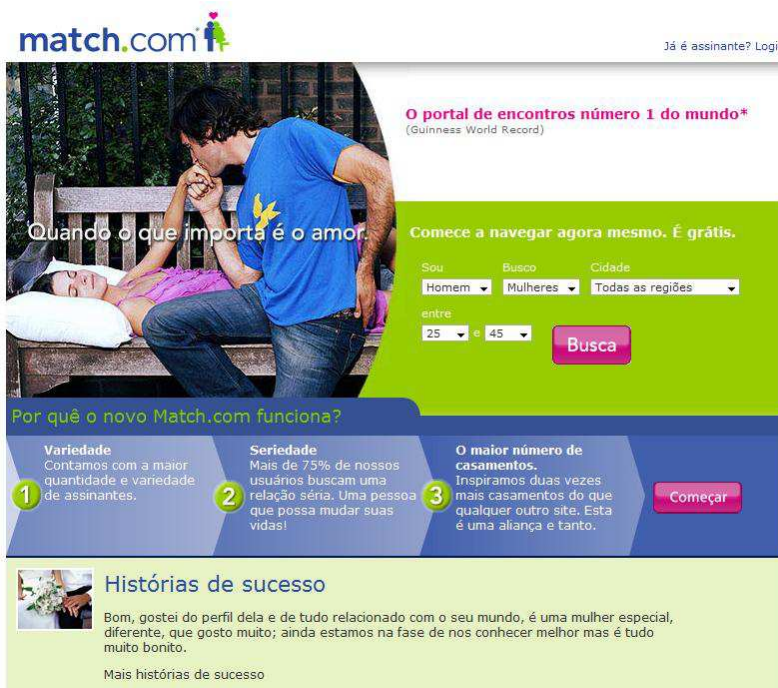


Figura 2 - Match.com.

Fonte: <<http://www.match.com>>.

A página inicial do *site* Match.com, representado pela figura 2, também configura-se como um enunciado, com seus componentes imagéticos e textuais. O gesto realizado pelo casal na imagem retoma uma iconografia clássica infantil: a da Bela Adormecida, cujo despertar se dá por meio do beijo de um príncipe, com o qual viverá feliz para sempre. Para tratar dessa memória visual associada ao conto de fadas

escrito por Charles Perrault, é importante nos referirmos ao conceito de “intericonicidade”, formulado pelo próprio Jean Jacques Courtine, e trabalhado no Brasil por Nilton Milanez⁶. Nesse sentido, Courtine esboça uma relação de associação não somente entre enunciados verbais, mas também entre as imagens. Em outras palavras, as imagens – comportando-se como enunciados que são – também possuem um domínio associado. É desse domínio que vai tratar Courtine (apud MILANEZ, 2006, p. 168): “Toda imagem se inscreve em uma cultura visual e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens. Toda imagem tem um eco.” É esse eco que ouvimos ao nos depararmos com os gestos realizados pelo casal na imagem do *site*; é a posição de seus corpos que opera o resgate na memória.

A noção de intericonicidade é uma noção complexa, porque ela supõe a relação de uma imagem externa, mas também interna. As imagens de lembranças, as imagens de memória, as imagens de impressão visual armazenadas pelo indivíduo. Imagens que nos façam ressurgir outras imagens, mesmo que essas imagens sejam apenas vistas ou simplesmente imaginadas. O que me parece importante, é que isso coloca a questão do corpo bem no centro da análise (COURTINE⁷ apud MILANEZ, 2006, p. 168).

O estudioso, ao deparar-se com uma imagem, tem condições de associá-la a outra através de certos traços a serem observados. Courtine chama esses traços de “elementos semiológicos” que constituem a memória longínqua de uma imagem dada. Assim, podemos nos questionar: Quais são os elementos semiológicos que compõem a imagem veiculada pelo *site* Match.com? Primeiramente, vemos que a dama está deitada, de olhos cerrados. Aparentemente desfalecida, ou mesmo em estado de relaxamento profundo. Por trás do banco que suporta seu corpo podemos entrever árvores, que lembram um bosque. Um homem beija a sua mão, e, mesmo realizando uma leve inflexão para fazê-lo, conserva-se retilíneo, congelado em seu

⁶ Prof. Dr. da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e coordenador do Grupo de Estudos Sobre o Discurso e o Corpo (GRUDIOCORPO). Confirma Milanez (2006).

⁷ Esse trecho foi retirado de uma entrevista com Courtine realizada por Nilton Milanez em outubro de 2005, na Sorbonne/Paris.

endireitamento corporal. A mão esquerda pousa na parte inferior das costas; a direita segura levemente a mão da adormecida contra seus lábios. Portanto, considerando os elementos semiológicos como “signos que significam”, é possível enumerar: a) uma mulher; b) um homem; c) o sono; d) o beijo; e e) a posição dos corpos. Tomando esses elementos como um “conjunto decodificável”, então, eis o que resgata a identidade dos enunciados por meio de suas ocorrências múltiplas.

Há também um componente verbal sobre essa imagem: “Quando o que importa é o amor”. Foi, de fato, o amor – simbolizado no ato de um beijo – que salvou a princesa dos encantos da bruxa má; no entanto, o que se opera aqui é um deslizamento desses sentidos para os relacionamentos de nossos dias, mediados pela tecnologia. A memória resgatada dos contos de fada aponta para a direção do amor idealizado, perfeito e duradouro que pode ser vivido e sentido através do ingresso no *site*. Ao lado e abaixo da imagem, destacam-se dois mecanismos de legitimação, são eles: a) uma voz estatística, assinada pelo *Guinness World Record*: “O portal de encontros número 1 do mundo”; e b) um *link* que direciona o leitor e promete contar as “histórias de amor” ou outros “contos de fada realizados”, cujo título é “Histórias de sucesso”. Ambos buscam atribuir a esse serviço uma confiabilidade por meio da demonstração dos resultados já produzidos.

Em “Histórias de sucesso”, percebe-se a não instauração da homologia⁸ entre o sistema semiótico figurativo (imagem) e o sistema semiótico verbal. A imagem que se localiza ao lado do enunciado “História de sucesso”, na figura 2, apresenta-nos os noivos, com seus trajes típicos; a noiva segura o buquê e o noivo deixa à mostra sua mão com aliança. Há uma focalização na região abdominal do casal para o maior destaque desses símbolos do matrimônio. Ao lado da imagem, lê-se: “Bom, gostei do perfil dela e de tudo relacionado com o seu mundo, é uma mulher especial, diferente, que gosto muito; ainda estamos na fase de nos conhecer melhor mas é tudo muito bonito.” A significação derivada dessas palavras não corresponde à significação

⁸ Para Benveniste (2006), é possível estabelecer uma correlação entre as partes de dois sistemas semióticos através do que ele denomina de “relação de homologia”. Segundo o autor, “esta relação não está constatada, mas instaurada em virtude de conexões que se descobrem ou que se estabelecem entre dois sistemas distintos.” (BENVENISTE, 2006, p. 62).

da imagem exibida, pois “estar na fase de se conhecer” não demonstra nenhuma garantia de que se chegará ao ritual do matrimônio, retratado pela imagem. Por isso, a composição dos elementos presentes em “Histórias de sucesso” não atinge a instauração de uma homologia.

O enunciado tem uma existência material e é produto de uma enunciação. Pretendendo esclarecer essa questão, ilustra Foucault (2007, p. 114): “Diremos que há enunciação cada vez que um conjunto de signos for emitido. Cada uma dessas articulações tem sua individualidade espaço-temporal.” As condições de emergência, portanto, contribuem para a formulação de um enunciado, que irrompendo em sua densidade histórica, apresenta também uma materialidade repetível, possibilitando-o de retornar como “mesmo” e como “outro”.

Na tarefa de refletir sobre a descrição dos enunciados, Foucault sente a necessidade de fixar um vocabulário, e estabelece o conceito de “formulação” (como o que faz surgir, em circunstâncias determinadas, um grupo de signos, demarcáveis espaço-temporalmente); o conceito de “frase” ou “proposição” (como unidades que a gramática ou a lógica reconhecem em um conjunto de signos, caracterizado pelas regras de construção que as unem); e, por fim, o conceito de “enunciado” (que possui uma modalidade de existência própria, que lhe permite ser algo diferente de um objeto qualquer, que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, situar-se entre outras “performances” verbais, e ser dotado de uma materialidade repetível). É nessa altura da tentativa de formular um padrão de análise que nos deparamos com a concepção de discurso de Foucault (2007, p. 122, grifo nosso):

[...] o termo discurso poderá ser fixado: **conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação**; é assim que poderei falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico.

Esse “sistema de formação” de que fala Foucault no trecho supracitado são as formações discursivas das quais deriva uma série de enunciados dispersos/repartidos que se agrupam e formam os discursos. Sua preocupação, nesse momento de *A arqueologia do*

saber, é que essa definição de “discurso” só poderá ser estabelecida se for comprovada, de igual maneira, a existência das formações discursivas – o que acontece mais adiante; aqui, essa reflexão se coloca apenas como cautela. A descrição de um enunciado não deve se ater somente a seu segmento horizontal, mas se dirigir, segundo uma dimensão de certa forma vertical, às condições de existência dos diferentes conjuntos significantes (FOUCAULT, 2007). Por isso a necessidade de relacionar os componentes verbais, não verbais e os domínios associados de um enunciado como um “todo significante”, como fizemos na análise dos dois primeiros *sites* de relacionamento. Em resumo: ao examinar o enunciado, o que se descobriu foi uma **função** que se apoia em um conjunto de signos que requer, para se realizar, a) um referencial; b) uma posição-sujeito; c) um campo associado; d) uma materialidade repetível. Esses são os aspectos a serem levados em conta pelo analista de discurso ao deparar-se com os enunciados que compõem seu *corpus*.



Figura 3: Namoro Online.

Fonte: <<http://www.namoroonline.com.br>>.

Da mesma forma como observamos no Parperfeito e no Match.com, o *site* acima também expõe um casal, feliz, beijando-se. O fundo da fotografia é desfocado e as pessoas destacam-se em primeiro

plano. Seus trajes (a mulher vestida de branco e seu par, de preto) parecem remeter ao ritual do matrimônio, mas isso não é explícito. O título do *site* contém muitos efeitos de sentido interessantes: “Namoro Online”, com dois “ós” substituídos pelas figuras de duas alianças douradas entrelaçadas. Ora, se o namoro é simbolizado por alianças prateadas, percebemos uma “sobreposição” ou “justaposição” temporal no título do *site*. É possível outrossim esboçar duas possibilidades de abordagem desse título, que em alguma medida se complementam:

- a) encarando-o como atravessado por dois discursos, quais sejam, o do namoro (representado pelo próprio substantivo) e o do casamento (resgatado a partir dos símbolos das alianças douradas);
- b) como um produto que integra uma mesma formação discursiva, designada pelas “fases de um relacionamento” de um homem com uma mulher (normalmente), monogâmicos, na sociedade ocidental do século XXI.

Além disso, o termo *online* atua como adjetivo, modificando “namoro”. O título aponta para uma “não-presença” ao passo que a foto, para “em presença”; a palavra “namoro” designa a fase inicial do relacionamento entre duas pessoas, enquanto as alianças douradas resgatam a memória do casamento. A enunciação presente no *site* é heterogênea, no sentido de que combina elementos verbais com não verbais e espaços de interação, que devem ser preenchidos. Todos esses elementos/componentes integram o enunciado que é a página inicial do *site* Namoro Online. A estruturação desses elementos ocorre sob a forma de dualismos/dualidades, representados por a) homem/mulher; b) namoro/casamento; c) solidão/encontro; d) *site* sério/*site* “não sério” etc. Sobre a camisa do homem, lê-se: “9 anos de experiência”. Esse mecanismo pertence ao discurso da tradição e da estabilidade, cujos feixes de sentido se combinam ao discurso do casamento, lá presente. Dessa forma, ao mesmo tempo que o Namoro Online enuncia a partir de uma posição da tradição/estabilidade, sua intenção é também enquadrar sua abordagem aos vários níveis de um relacionamento interpessoal amoroso, o que se comprova no texto localizado na parte inferior da página: “Amizade, paquera, encontros, namoro e casamento: o *site* de relacionamentos mais sério do Brasil.”

Para mobilizar o discurso da tradição, utiliza-se a imagem do casal em trajes formais e as alianças douradas, que atuam como mecanismos de resgate de memória; em outras palavras, opera-se a

recuperação de determinados gestos e símbolos cristalizados historicamente. Outro recurso utilizado para esse fim é a enumeração de modo crescente as fases do que se imagina ser a progressão natural e tradicional dos relacionamentos: “amizade, paquera, encontros, namoro e casamento [...]”.

Além do mais, é como se no *site* a busca por um(a) companheiro(a) se realizasse tão instantaneamente como buscar qualquer outra informação na *web*: “Cadastre-se **em um minuto** e comece a namorar”, diz o texto acima da ficha de cadastro; ou “Encontre a pessoa **agora**, faça uma busca” (grifo nosso). O advérbio de tempo “agora” e a locução adverbial “em um minuto” contribuem para a indução ao cadastro do navegador bem como provocam efeitos de sentido interpretados pela facilidade com que se pode “ocupar o lugar dos sujeitos da foto”.

Em síntese, podemos dizer que os enunciados possuem essencialmente três características. A primeira delas é que eles são raros, no sentido de que nem tudo é sempre dito; se observarmos todas as possibilidades de formulação permitidas pela língua, perceberemos que o que é, de fato, dito, é muito pouco – por isso seu acontecimento é raro. Os enunciados, em segundo lugar, comportam uma exterioridade, isto é, sua análise não se situa no âmbito do *cogito*, mas sim em uma exterioridade/neutralidade no sentido de que “não importa quem fala”, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar. A última característica é o acúmulo; deve-se substituir a busca da origem pela análise dos acúmulos, levantando os temas relacionados ao seu esquecimento, à sua origem perdida, à sua destruição. Descrever, portanto, um conjunto de enunciados a partir de sua raridade, de sua exterioridade e de seu acúmulo é estabelecer sua “**positividade**”.

Os três *sites* analisados contêm, cada um, um eixo de positividade. Encontrados em sua dispersão, visto que são independentes, têm endereços diferentes etc., eles apresentam regularidades, e por isso é possível dizer, num contexto mais amplo, que os três *sites* integram um discurso determinado: do encontro, namoro e relacionamento por meio da tela. Outra regularidade é que os três dispõem de mecanismos de legitimação, que operam no nível verbal, a saber: a) No Parperfeito, “O maior site de relacionamentos do Brasil”; b) Em Match.com, “O portal de encontros número 1 do mundo”; c) No Namoro Online, “O site de relacionamentos mais sério

do Brasil”. Todos são “mais” e “maiores”; e trazem sempre um casal jovem, feliz e heterossexual, no nível imagético. Isso faz com que eles apresentem um mesmo índice de positividade, que os agrupa e os assemelha.

Os três *sites* empregam também formas de interpretação do usuário, quando caracterizam uma relação de intimidade em um ambiente informal, haja vista o campo “apelido” a ser preenchido nos cadastros. O emprego de apelidos contribui para a informalidade almejada.

A positividade dos discursos, juntamente com as funções enunciativas desempenhadas pelos enunciados descritos, integrando várias formações discursivas, compõem o arquivo de uma época. A pesquisa arqueológica, por sua vez, consiste em dar conta de todos esses níveis acima descritos, como explica Foucault (2007, p. 149):

O direito das palavras – que não coincide com o dos filólogos – autoriza, pois, a dar a todas essas pesquisas o título de arqueologia. Esse termo não incita à busca de nenhum começo; não associa a análise a nenhuma exploração ou sondagem geológica. Ele designa o tema geral de uma descrição que interroga o já-dito no nível de sua existência; da função enunciativa que nele se exerce, da formação discursiva a que pertence, do sistema geral de arquivo de que faz parte. A arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo.

O que salta à vista, ao analisarmos as páginas da *web*, em uma primeira observação, é que elas têm uma materialidade própria, uma condição de existência singular, e esses fatores são percebidos, entre outras coisas, pelos modos de inscrição do leitor na tela e pela identificação que ele partilha em relação às espécies de discursos que se lhe apresentam eletronicamente. Todos esses fatores, ao lado dos acima mencionados, caracterizam a “linguagem” de certos sites de relacionamento. Isso é visível por meio do emprego de signos verbais e não verbais e das estratégias discursivas utilizadas pelo sujeito (e sua posição) que enuncia – a fim de atingir determinados objetivos, como o preenchimento de um cadastro, por exemplo – e que causam “um sulco atrás de si” quando são enunciados e “se dão” a usar e a circular em ambiente virtual, cuja principal característica é a interatividade.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos compreender a “linguagem” de três sites de relacionamento a partir da análise discursiva dos enunciados que os compõem. A escolha desses três sites resultou de um conjunto de fatores de dispersão e de regularidade partilhado por eles. Além disso, eles são produtos da era virtual, isto é, uma de suas possibilidades realizadas. Uma opção mercadológica? Certamente, na medida em que alguns desses sites cobram pelo serviço, como é o caso do Parperfeito, que disponibiliza inclusive psicólogos que ajudam a tirar dúvidas dos usuários sobre como se socializar na rede; outros, são gratuitos. Ao debruçarmo-nos sobre esses enunciados, pudemos compreender a estruturação dos discursos que estão ali presentes e a maneira pela qual eles (os enunciados) caminham em direção a um objetivo comum: promover o maior número de acessos possíveis e realizar o maior número de cadastros possíveis.

Referências

- BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- MILANEZ, Nilton. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, Pedro. (Org.). *Estudos do texto e do discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 153-179.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- _____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. (Org.). *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 2007. p. 49-56.

Recebido em 10/07/2011

Aceito em 02/11/2011